

O Livro de Daniel - Número cento e cinquenta e sete

Desvendando o simbolismo profético de Ciro no Livro de Daniel

Jeff Pippenger

2024-03-25

No versículo um do capítulo dez, somos informados de que era o terceiro ano de Ciro, mas no capítulo um somos informados de que Daniel apenas viveu, ou continuou, até o primeiro ano de Ciro.

E Daniel continuou até o primeiro ano do rei Ciro. Daniel 1:21.

Durante dois anos, Ciro havia, na prática, governado conjuntamente com Dário, o Medo; assim, era o seu terceiro ano, mas também era o seu primeiro ano.

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma coisa a Daniel, cujo nome era Beltesazar; e a coisa era verdadeira, mas o tempo determinado era longo; e ele compreendeu a coisa e teve entendimento da visão. Daniel 10:1.

Profeticamente, Ciro é introduzido na primeira e na última visão de Daniel. O capítulo um de Daniel, como já exposto em artigos anteriores, representa o primeiro anjo de Apocalipse capítulo catorze. Quando o primeiro anjo é identificado na profecia, ele possui todas as características proféticas dos três anjos de Apocalipse catorze. Os três passos do evangelho eterno representados no primeiro anjo são: "temei a Deus", "dai-Lhe glória", pois "é chegada a hora do Seu juízo".

Porque Daniel e os três jovens dignos "temiam a Deus", escolheram rejeitar a dieta de Babilônia e permanecer vegetarianos. Na prova visual que se seguiu, Daniel e os três jovens dignos "glorificaram a Deus" em sua aparência saudável, em contraste com aqueles que comiam a dieta babilônica. Após três anos, chegou a "hora do juízo", quando Nabucodonosor os pôs à prova e os achou dez vezes mais sábios do que todos os sábios babilônios.

Os três passos do evangelho eterno também são representados no capítulo final de Daniel como o processo pelo qual o aumento do conhecimento purifica, embranquece e prova aqueles que são responsabilizados pela luz que é deslacrada no tempo do fim. No primeiro capítulo de Daniel, assim como no último, são identificados os três passos do primeiro anjo, que abrangem os três anjos. Como o capítulo um é o evangelho eterno do primeiro anjo, o capítulo dois de Daniel representa o segundo anjo de Apocalipse catorze, onde está representada a prova da imagem da besta ou da imagem de Cristo, como ocorreu na segunda prova nos três passos do capítulo um.

Como os capítulos um e dois de Daniel representam os dois primeiros anjos de Apocalipse quatorze, o capítulo três e a prova na planície de Dura representam a mensagem do terceiro anjo, com seu aviso para não receber a marca da besta. No capítulo um de Daniel, é mencionado o primeiro ano de Ciro, e no capítulo dez, que é a última visão de Daniel, Ciro é apresentado em seu

terceiro ano, mas sabemos que esse terceiro ano é o seu primeiro ano, pois Daniel só continuou até o primeiro ano de Ciro.

Ciro é, portanto, um símbolo de um primeiro ano que contém três anos. Ele é um símbolo da mensagem do primeiro anjo. O primeiro ano de Ciro é mencionado no último versículo da primeira visão de Daniel e, novamente, no primeiro versículo da última visão de Daniel. É importante reconhecer o simbolismo profético de Ciro e, antes de tudo, identificamos que ele representa a mensagem do primeiro anjo. Isso pode ser determinado profeticamente pelo fato de Daniel identificar o terceiro ano de Ciro como sendo o seu primeiro, mas, mais importante, é identificado pelo primeiro decreto que ele proclamou.

A luta que Gabriel travava com os reis da Pérsia no capítulo dez dizia respeito a levar Ciro ao ponto em que ele daria prosseguimento e proclamaria o primeiro de três decretos, os quais permitiriam aos judeus retornar e reconstruir Jerusalém e o templo. O terceiro decreto assinalaria o início da profecia dos dois mil e trezentos anos, a qual terminou quando o terceiro anjo chegou em 22 de outubro de 1844. O terceiro decreto representava o terceiro anjo e, portanto, o primeiro decreto de Ciro representava a chegada do primeiro anjo em 1798. Ciro representa o primeiro anjo e, por essa razão, no livro de Daniel o seu primeiro ano representava três anos.

Ciro, portanto, representa o “tempo do fim”, pois foi quando o primeiro anjo (Ciro) chegou, em 1798, que o “tempo do fim” chegou e o livro de Daniel foi deslacrado. Acredita-se que o nome Ciro derive da palavra do persa antigo “Kūruš”, que significa “sol”, combinada com a palavra elamita “kursh”, que significa “trono”, indicando uma conexão com a autoridade real ou com a realeza. Isaías também aborda essas características de Ciro.

Que diz de Ciro: Ele é o meu pastor, e cumprirá toda a minha vontade; dizendo também a Jerusalém: Serás edificada; e ao templo: O teu fundamento será lançado. Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, cuja mão direita eu tenho sustentado, para subjugar nações diante dele; e eu afrouxarei os cintos dos reis, para abrir diante dele as portas de duas folhas; e as portas não se fecharão; Eu irei adiante de ti e endireitarei os lugares tortuosos; quebrarei em pedaços as portas de bronze e romperei os ferrolhos de ferro; E te darei os tesouros das trevas e as riquezas ocultas de lugares secretos, para que saibas que eu, o Senhor, que te chamo pelo teu nome, sou o Deus de Israel. Por amor de Jacó, meu servo, e de Israel, meu eleito, eu te chamei pelo teu nome; dei-te um título, embora não me conhecesses. Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingi, ainda que não me conhecesses; Para que se saiba, do nascente do sol ao poente, que fora de mim não há outro. Eu sou o Senhor, e não há outro. Isaías 44:28-45:6.

Ciro prefigurava Cristo, pois era o “ungido” do Senhor e foi chamado “pastor” de Deus, que edifica Jerusalém e lança os fundamentos do templo. Ele é quem abre as portas fechadas, assim como Cristo é Aquele que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre. E a Ciro são dados “os tesouros das trevas e as riquezas ocultas dos lugares secretos”. Ciro cumpre vários marcos ao longo da linha dos movimentos de reforma.

Ele assinala o tempo do fim, quando o primeiro anjo chega, quando o livro de Daniel é desvelado e então há um aumento do conhecimento que vem dos "tesouros das trevas e das riquezas ocultas de lugares secretos." Esses "tesouros das trevas e riquezas ocultas de lugares secretos" constituem a "fundação" que é "construída", e o "templo", que deve ser "lançado". Cristo, que foi tipificado por Ciro, é o "ungido" do Senhor, assim como Cristo foi ungido em seu batismo. Ciro, portanto, não é apenas a chegada do primeiro anjo; ele é também o segundo anjo que fortalece o primeiro anjo quando desce, assim como o Espírito Santo desceu quando Cristo foi ungido. Em 22 de outubro de 1844, Cristo abriu a porta ou "portão" para o Lugar Santíssimo, que era um portão que havia sido fechado. Ciro também assinala a chegada do terceiro anjo.

Ciro é o primeiro anjo, e o primeiro anjo possui todos os elementos dos três anjos. Ciro é o tempo do fim em 1798, quando o primeiro anjo chegou. Ciro representa 11 de agosto de 1840, quando a mensagem do primeiro anjo foi fortalecida (ungida). Ele representa a obra de lançar os alicerces, como representado pela produção do diagrama de 1843 em maio de 1842. Ele representa a construção do templo, quando as duas classes foram separadas no primeiro desapontamento em 19 de abril de 1844, e ele representa a segunda separação no grande desapontamento de 22 de outubro de 1844.

Todos os marcos do movimento de reforma dos mileritas foram tipificados por Ciro e, portanto, esses marcos também tipificam os marcos do movimento dos cento e quarenta e quatro mil. O movimento milerita foi precedido pelos sinais que Cristo identificou que precederiam a história dos mileritas.

A profecia não apenas prediz a maneira e o propósito da vinda de Cristo, mas apresenta sinais pelos quais os homens saberão quando ela estiver próxima. Disse Jesus: 'Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas.' Lucas 21:25. 'O sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas do céu cairão, e as potestades que estão nos céus serão abaladas. E então verá o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória.' Marcos 13:24-26. O revelador descreve assim o primeiro dos sinais a preceder o segundo advento: 'Houve um grande terremoto; e o sol tornou-se negro como pano de saco de crina, e a lua tornou-se como sangue.' Apocalipse 6:12.

Esses sinais foram testemunhados antes do início do século XIX. Em cumprimento desta profecia, no ano de 1755, ocorreu o mais terrível terremoto já registrado. O Grande Conflito, 304.

Os sinais que anunciaram a Segunda Vinda começaram pouco antes de 1798, em 1755. Em 1798 concluiu-se o cativeiro de Israel espiritual na Babilônia espiritual, que a Irmã White ensina ter sido tipificado pelo cativeiro literal de Israel literal na Babilônia literal, o qual terminou ao fim dos setenta anos de cativeiro, quando Ciro entrou pelos portões abertos, tomou a Babilônia e matou Belsazar.

"Hoje a igreja de Deus é livre para levar avante até a consumação o plano divino para a salvação de uma raça perdida. Por muitos séculos, o povo de Deus teve suas liberdades restringidas. A pregação do evangelho em sua pureza foi proibida, e as mais severas penalidades foram infligidas àqueles que ousaram desobedecer às ordens dos homens. Como

consequência, a grande vinha moral do Senhor ficou quase inteiramente desocupada. O povo foi privado da luz da palavra de Deus. As trevas do erro e da superstição ameaçavam extinguir o conhecimento da verdadeira religião. A igreja de Deus na terra esteve tão verdadeiramente em cativeiro durante esse longo período de perseguição implacável quanto estiveram os filhos de Israel mantidos cativos na Babilônia durante o período do exílio." Profetas e Reis, 714.

O fim dos setenta anos na Babilônia prefigurou 1798, e houve sinais que precederam 1798 e anunciaram que o retorno de Cristo era iminente.

"O advento do exército de Ciro diante das muralhas da Babilônia foi para os judeus um sinal de que sua libertação do cativeiro se aproximava. Mais de um século antes do nascimento de Ciro, a Inspiração o havia mencionado pelo nome e fizera com que se registrasse a obra exata que ele realizaria ao tomar a cidade da Babilônia de surpresa e ao preparar o caminho para a libertação dos filhos do cativeiro." Profetas e Reis, 551.

Ciro também tipificava os sinais que precederam 1798. Os historiadores são bastante vagos acerca do governo de Dario e Ciro, mas a Palavra de Deus é clara. O Império Medo-Persa seguiu o Império da Babilônia, e o primeiro rei da Medo-Pérsia foi Dario, embora fosse seu sobrinho Ciro o general que tomou Babilônia, na noite da última festa de Belsazar. Tanto Ciro quanto Dario tipificam o tempo do fim do cativeiro de setenta anos, o qual representa o tempo do fim em 1798, e que também tipifica o tempo do fim em 1989.

O tempo do fim na história de Moisés foi marcado pelos nascimentos de Arão e Moisés, com três anos de intervalo. Essa história tipificou da maneira mais perfeita a história de Cristo, e o tempo do fim nessa história foi marcado pelo nascimento de João e, seis meses depois, pelo nascimento de seu primo Jesus. O tempo do fim tem dois marcos, e Dario e Ciro ambos assinalam o fim do cativeiro de setenta anos, que tipificou o fim do cativeiro de mil duzentos e sessenta anos. A ferida mortal da besta papal em 1798 foi seguida, no ano seguinte, pela morte daquele que havia montado e reinado sobre essa besta. Em 1989, Reagan e Bush, o primeiro, foram ambos presidentes.

Ciro marca os sinais que anunciam a chegada do tempo do fim, e ele marca o tempo do fim. Ele marca o aumento do conhecimento e o fortalecimento da primeira mensagem quando um anjo desce, e marca a obra que então é empreendida no lançamento dos alicerces, a obra de construir o templo, e a chegada do terceiro anjo, quando o Mensageiro da Aliança repentinamente vem ao Seu templo.

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma mensagem a Daniel, cujo nome era Beltessazar; e a mensagem era verdadeira, mas o tempo determinado era longo; e ele entendeu a mensagem e teve entendimento da visão. Naqueles dias eu, Daniel, estive de luto por três semanas inteiras. Não comi pão desejável, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi de modo algum, até que se cumpriram três semanas inteiras. E, no vigésimo quarto dia do primeiro mês, estando eu à margem do grande rio, que é o Hidequel. Daniel 10:1-4.

Os símbolos de Ciro e Beltesazar representam uma história profética específica nos últimos dias. O símbolo de Beltesazar nos informa que as pessoas representadas são os cento e quarenta e quatro mil, que são a geração final do povo da aliança. Elas são colocadas na história profética

representada por Ciro, que representa a história que antecedeu 1798, 1989 e 11 de setembro de 2001, pois Ciro representa todos esses marcos. Ele também representa a decepção de 18 de julho de 2020 e até mesmo a iminente lei dominical nos Estados Unidos. A chave para determinar onde a última visão de Daniel está colocada profeticamente é identificar o que Daniel sabe.

No versículo 1, Daniel (Beltessazar) tem entendimento tanto da "coisa" quanto da "visão". A "coisa" é a palavra hebraica "dabar", que significa "palavra", e é usada por Gabriel para representar a visão "chazon" dos dois mil quinhentos e vinte anos ("sete tempos"). A "visão" do versículo 1, que Daniel entende, é a visão "mareh" dos dois mil e trezentos anos. O povo da aliança de Deus dos últimos dias não entendeu os "sete tempos" no tempo do fim, em 1989. Eles não entenderam os "sete tempos" até depois de 11 de setembro de 2001, portanto, Daniel deve situar-se no período do movimento de reforma profética representado por Ciro, depois de 11 de setembro de 2001, pois Daniel, representando o movimento profético final, entende tanto a "coisa" quanto a "visão".

Daniel é identificado como estando em um período de luto de vinte e um dias. “Naqueles dias” de luto, Daniel veio a compreender a “coisa”, e ele também teve entendimento da “visão”. A verdade representada pela “coisa” foi revelada a Daniel nos dias de luto. O povo de Deus é representado como estando em “luto” nas linhas de reforma imediatamente antes do Clamor da Meia-Noite. O luto é representado por Marta e Maria lamentando por Lázaro, imediatamente antes da Entrada Triunfal. Isso foi ilustrado pelo desânimo após o primeiro desapontamento na história milerita, conforme expresso por Jeremias.

Acharam-se as tuas palavras, e eu as comi; e a tua palavra foi para mim o gozo e a alegria do meu coração; pois pelo teu nome sou chamado, ó Senhor Deus dos Exércitos. Não me assentei na assembleia dos escarnecedores, nem me alegrei; sentei-me solitário por causa da tua mão, pois me encheste de indignação. Por que é perpétua a minha dor, e incurável a minha ferida, que se recusa a sarar? Serás tu para comigo inteiramente como um mentiroso, e como águas que faltam? Jeremias 15:16-18.

Jeremias não "se regozijou", como fizeram os cidadãos de Sodoma e do Egito, em Apocalipse capítulo onze, com a morte das duas testemunhas. Não "se regozijar" é estar de luto. O luto de Belteshazzar identifica o luto que está associado à morte das duas testemunhas. Em 18 de julho de 2020 e 3 de novembro de 2020, as duas testemunhas do verdadeiro chifre protestante e dos chifres republicanos da besta da terra foram mortas nas ruas de Sodoma e do Egito, onde também nosso Senhor foi crucificado. Quando nosso Senhor foi crucificado, seus discípulos começaram a lamentar. Essas duas testemunhas foram representadas, em Apocalipse capítulo onze, como Moisés e Elias.

Há cinco referências a Cristo como Miguel nas Escrituras, três no livro de Daniel, uma no livro de Judas e outra no livro do Apocalipse. No capítulo dez, que estamos agora considerando, Miguel é mencionado duas vezes, nos versículos treze e vinte e um, e novamente no capítulo doze, versículo um. Ele é identificado em Apocalipse doze, versículo sete. Em Judas, Miguel é identificado como ressuscitando Moisés, que, em Apocalipse capítulo onze, é uma das testemunhas que estão mortas na rua.

Quero, pois, lembrar-vos, embora já soubésseis isto, que o Senhor, havendo salvado o povo da terra do Egito, depois destruiu os que não creram. E aos anjos que não guardaram o seu primeiro estado, mas deixaram a sua própria habitação, ele tem reservado, em cadeias eternas, sob trevas, para o juízo do grande dia. Assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades em redor, que, do mesmo modo, se entregaram à fornicção e foram após carne estranha, estão postas por exemplo, sofrendo a vingança do fogo eterno. Do mesmo modo, também estes sonhadores imundos contaminam a carne, desprezam a autoridade e blasfemam das dignidades. Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou trazer contra ele acusação injuriosa; mas disse: O Senhor te repreenda. Judas 5-9.

No livro de Judas, no contexto tanto de Sodoma quanto do Egito, que representam a grande cidade onde Moisés e Elias são mortos em Apocalipse capítulo onze, Cristo, representado por Miguel, ressuscita o corpo de Moisés. Moisés e Elias haviam estado mortos por três dias e meio simbólicos em Apocalipse capítulo onze, e os dias de luto de Beltessazar terminam quando Miguel desce do céu. Linha sobre linha, Daniel capítulo dez, versículos um a quatro, identificam o período de luto que se conclui quando as duas testemunhas são ressuscitadas por Miguel.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

O Pai escolheu Moisés e Elias para serem seus mensageiros junto a Cristo, para glorificá-lo com a luz do Céu e comungar com ele acerca de sua vindoura agonia, porque haviam vivido na terra como homens; tinham experimentado a dor e o sofrimento humanos e podiam compadecer-se da provação de Jesus em sua vida terrena. Elias, na sua posição de profeta para Israel, havia representado Cristo, e sua obra tinha sido, em certa medida, semelhante à do Salvador. E Moisés, como líder de Israel, estivera no lugar de Cristo, comungando com ele e seguindo suas orientações; portanto, esses dois, de todas as hostes que se reuniam ao redor do trono de Deus, eram os mais aptos para ministrar ao Filho de Deus.

Quando Moisés, enfurecido pela incredulidade dos filhos de Israel, feriu a rocha e lhes forneceu a água pela qual clamavam, tomou para si a glória; pois sua mente estava tão absorpta na ingratidão e na rebeldia de Israel que deixou de honrar a Deus e de engrandecer o seu nome ao realizar o ato que Ele lhe havia ordenado. Era o plano do Todo-Poderoso trazer frequentemente os filhos de Israel a apuros e, então, em sua grande necessidade, livrá-los por seu poder, para que reconhecessem seu cuidado especial por eles e glorificassem o seu nome. Mas Moisés, ao ceder aos impulsos naturais do seu coração, apropriou para si a honra devida a Deus, caiu sob o poder de Satanás e foi-lhe vedada a entrada na terra prometida. Se Moisés tivesse permanecido firme, o Senhor o teria conduzido à terra prometida e então o teria trasladado ao Céu sem ver a morte.

Assim foi, Moisés passou pela morte, mas o Filho de Deus desceu do Céu e o ressuscitou antes que seu corpo visse a corrupção. Embora Satanás contendesse com Miguel pelo corpo de Moisés e o reivindicasse como sua presa legítima, não pôde prevalecer contra o Filho de Deus, e Moisés, com um corpo ressuscitado e glorificado, foi levado às cortes celestiais, e agora era um dos dois honrados, comissionado pelo Pai para servir ao seu Filho.

"Ao se deixarem vencer tanto pelo sono, os discípulos perderam a conversa entre os mensageiros celestiais e o Redentor glorificado. Mas, ao despertarem de súbito de um profundo sono e contemplarem a sublime visão diante deles, ficam tomados de êxtase e assombro. Ao olharem para a forma radiante de seu amado Mestre, são obrigados a proteger os olhos com as mãos, não podendo de outro modo suportar a glória inexprimível que reveste sua pessoa e que emite feixes de luz como os do sol. Por um breve espaço, os discípulos contemplam seu Senhor glorificado e exaltado diante de seus olhos, e honrado pelos seres radiantes que reconhecem como os favorecidos de Deus." O Espírito de Profecia, volume 2, 329, 330.